1845 15
(12)
10
32

CONSIDERAÇÕES

SOBRE O ESTADO DAS MISSÕES

E DA

RELIGIÃO CHRISTÃ NA CHINA,

SEGUIDAS DE DOIS ARTIGOS PUBLICADOS NO BOLETIM DO GOVERNO DE MACAO, RELATIVOS AO MESMO ASSUMPTO.

POR

Carlos José Caldeira.

LISBOA;
TYP. DE BORGES,—Rua da Condessa n.° 3.
1851.

CONSIDERAÇÕES

SOBRE O ESTADO DAS MISSÕES

E DA

RELIGIÃO CHRISTÃ NA CHINA,

SUGERIDAS DE POIS ARTIGOS PUBLICADOS NO BOLE-

TIM DO GOVERNO DE MACAO, RELATIVOS AO

MESMO ASSUMPTO.

POR

LISBOA:

TYP. DE BORGES,—Rua da Condessa n.º 3.

1851.

FIM.

DUAS PALAVRAS AO PUBLICO.

O auctor destas — Considerações — não é um discipulo de Luthero, nem um adepto da escolla voltairiana; é christão; é catholico sincero e convicto. Mas é tambem portuguez; e não daquelles que, levados de um fanatismo incomprehensivel em gente illustrada, ou de interesses facciosos encapotados no manto sagrado da religião, intendem, que as nossas tradições gloriosas, os nossos interesses legitimos, os nossos direitos adquiridos á custa de muito sangue e de muito cabedal — tudo deve ser immolado em holocausto a um ultramontanismo anti-evangelico, para satisfazer as ambições pretenciosas de um Collegio de Cardeaes.

E' para lamentar, que da imprensa portugueza sahisse um echo repercutindo as accusações que em Roma se tem assacado contra nós; é para lamentar que os homens do *direito*, apoiando-se no *facto*, viessem applaudir a obra de ignominia encetada pelo Conde de Thomar, na celebre concordata, em que o novo Esaú pretendia vender á Curia romana o Padroado do Oriente, por algum prato de lentilhas.

Ninguem contesta o direito do Padroado. Mas ao direito contropõe-se o facto. Pois opponham-se tambem ao facto outros factos irrecusaveis, positivos, terminantes. O auctor destas — Considerações — escrevendo-as a tão remota distancia da mãe patria, mal suppunha que ellas veriam a luz da im-

prensa justamente a tempo de apresentar um formal desmentido aos capciosos pretextos, com que se pretende anniquilar um dos ultimos padrões da nossa gloria nacional.

Dizem, que não podemos conservar o Padroado, porque o governo de Portugal não cuida de prover as dioceses do Oriente. E ao mesmo tempo nega-se a confirmação ao Bispo Eleito de Pekim, offerecendo-se-lhe um diploma de *Vigario Apostolico!* Allega-se que o Padroeiro não envia missionarios, que vão plantar a cruz em terras de infieis. E os candidos *pastores* da Propaganda convertem-se em lobos raivosos contra os seus irmãos na fé; porque aspiram a monopolisar a gloria de tosquiar as ovelhas confiadas aos seus apostolicos cuidados.

O auctor das — Considerações — não conhecia a concordata, nem a allocução de 17 de Fevereiro, nem os artigos do *Catholico*; mas conhecia os factos, que alli servem de escandalo a portuguezes e indigenas; e só áquem do Oceano, depois de triturados e deturpados pelos que tem interesse em os desfigurar, podem vir edificar os fieis, e provar as honestas intenções dos que tem a abnegação verdadeiramente christã de nos despojar da laboriosa e improba tarefa de prégar o evangelho, só para se adornarem com as palmas do martyrio.

São alguns desses factos chã e simplesmente descriptos, que entregamos aqui á apreciação do publico. Lembrámo-nos de addicionar ás — Considerações — e aos — Extractos do livro de *Mr. Gabet* — dois artigos publicados no Boletim do Governo de Macáo, jornal redigido pelo auctor das — Considerações — que podem esclarecer alguns pontos, que se tocam neste opusculo.

Lisboa 8 de Agosto de 1851. *O Editor.*

CONSIDERAÇÕES

SOBRE O ESTADO DAS MISSÕES E DA RELIGIÃO CHRISTÃ NA CHINA.

MAIS um facto notavel em si, e pela sua coincidencia com as ultimas questões que se tem suscitado sobre o Padroado portuguez no Oriente; mais um brado partido das christandades chinezas, e que não pode reputar-se suspeito, porque não nasce do espirito de nacionalidade, mas só do espirito christão, vae chamar a attenção do Supremo Pastor da Egreja e do governo portuguez, sobre o estado verdadeiramente deploravel da Religião Christã na China.

Cansados os christãos chinezes de inuteis reclamações, e nas vesperas de tomar uma terrivel resolução, mandam a Portugal um enviado, que depois deve passar a Roma, a fim de expor, em representações escriptas e verbaes, os singulares factos, que se estão passando.

Acha-se em Macao o china *Leu-iu-chang*, natural e residente de Pekim, capital do imperio, com a intenção de partir para a Europa em uma das proximas carreiras, dirigindo-se primeiramente a Lisboa. Este emissario vae encar-

regado pelos christãos da diocese de Pekim de levar as suas representações á Rainha de Portugal e a Sua Santidade, sobre o lamentavel estado, em que se acha aquella chrístandade, reclamando por mais uma vez áquelles dois supremos poderes, depois de tantas outras infructiferas petições em egual sentido, o regresso do Bispo Eleito de Pekim, o snr. D. João de França Castro e Moura, e que se lhe enviem missionarios portuguezes.

Os motivos da retirada do snr. Castro e Moura da sua diocese são já bem conhecidos em Portugal.(1) A Curia romana, desatendendo as instantes representações dos christãos chinezes, e as virtudes verdadeiramente apostolicas daquelle varão, tem-lhe negado a confirmação. Nem se pode presumir motivo, pelo qual o snr. Castro e Moura tenha incorrido no desagrado da Curia, a não ser que, tendo sido eleito Bispo pela Corôa portugueza, segundo os direitos do Padroado Real, não quiz, com toda a dignidade, aceitar o governo do seu bispado, senão nesta qualidade, regeitando a de Vigario Apostolico, que lhe offerecia a mesma Curia.

E' sabido que pelas intrigas, e bem improprios manejos da congregação da Propaganda Fide, as nossas missões na China tem sido invadidas pelos padres italianos e francezes, dirigidos pelos Vigarios Apostolicos, quasi todos das mesmas nações. Se esses Vigarios e missionarios, desempenhassem o seu ministerio, como os misionarios portuguezes, com proveito da religião, e das almas confiadas aos seus cuidados — então a questão do Padroado perderia muito da sua importancia, e rebaixar-se-hia, da parte de Portugal, a uma questão de caprixo menos bem fundado, depois das irreflectidas medidas, que aboliram no reino e ultramar a congregação das missões, e os outros conventos donde sahiam sacerdotes para as nossas missões, sem nada lhes substituir, resultando em poucos annos ficarem as christandades do Padroado

(1) Sobre este assumpto veja-se o artigo da — situação actual do Bispo Eleito de Pekim — adiante transcripto.

N. do E.

portuguez na China, quasi ao abandono por falta de padres.

Mas a verdade é, que em geral os padres francezes, que são hoje os que mais abundam, e os mais predilectos da Corte de Roma são odiados pelos christãos da China, e infelizmente com razão.

O seu modo de se conduzir é o mais improprio para adquirir a estima e confiança daquelles povos; a indole da sua nação, que se manifesta em todas as suas acções, é inteiramente contraria á indole e costumes do povo chinez, o seu caracter inquieto e buliçozo, o desejo de andar sempre em movimento, vendo tudo, correndo todos os logares, mais pelo espirito de curiosidade, que pelas necessidades da Religião, lhes alienam a estima e respeito dos christãos. Além disto os francezes cometem toda a qualidade de imprudencias. O seu genio os leva a usar de muito aparato, e praticar muitos actos de pessoal vaidade, e de ostentação exterior do culto; a ter pretenções ridiculas a distinções; a obrigar os indigenas a praticas contrarias aos seus costumes, mesmo quando estes se não oppoem aos dogmas e espirito do christianismo; a exigir delles honras e recepções perigozas, que dão na vista dos mandarins, e offendem as etiquetas e ceremoniaes chinezes. De tudo isto resulta, que os christãos ficam expostos ás mais atrozes perseguições, por darem asillo a estrangeiros, sendo muitas vezes deportados, arrazadas as suas cazas, e confiscados os seus bens; em quanto que a elles missionarios pouco se lhes dá disso, pois de ordinario o mais que lhes succede é serem presos, e entregues, segundo os tratados, aos seus consules. São tambem altamente para censurar os embustes, as grosseiras e quasi incriveis calumnias, que repetem áquelles simples povos, a respeito da Soberana e do clero de Portugal, alcunhando de intrusos e excommungados os nossos Bispos legitimos, e propalando quantos mais aleives lhes suggere a sua malevola imaginação. Homens de educação, padres e missionarios descem a taes baixezas e mentiras, só pelo espirito de intriga,

e pelo ridiculo desejo de suplantar a influencia da Egreja portugueza !

Tudo isto é de pessimo effeito no espirito dos christãos costumados á gravidade, á mansidão, á vida laboriosa, á prudente tolerancia de habitos inveterados, mas innocentes, que custumavam encontrar nos missionarios portuguezes e hespanhoes, unicos que possuem a indole propria para se coadunar com a dos chinas. E' um facto bem comprobativo do que levamos dito, que na provincia de *Fokien*, onde, longo tempo ha, missionam os hespanhoes, não existem perturbações ; nenhum missionario é descoberto e preso ; e não fazendo bulha, nem ostentação, vão alli conservando e augmentando a crença evangelica.

Deve-se declarar em tributo á verdade, que entre os missionarios francezes houve outr'ora varios, e algum haverá ainda de superior merecimento e piedade ; e que em geral o clero francez é instruido e morigerado, e nesta parte muito superior ao clero italiano. Mas é de todos o menos proprio, pelo seu actual caracter, para manter, e menos para propagar, o christianismo na China.

Apenas penetram no paiz começam a funccionar, sem ter tempo para adquirir o necessario conhecimento da lingoa chineza, e dos costumes, habitos, e prejuizos desta nação. Muitos factos tem acontecido, em que estas circumstancias tem produzido scenas de ridiculo e escarneo, se não de escandalo, para os proprios christãos. Por todos os motivos referidos os francezes se tem de tal modo atrahido a indisposição dos christãos indigenas, que estes, já cançados de lhes soffrer tantas irregularidades e imprudencias, ameaçam de os expulsar do seu seio, e declaram, que, se o governo portuguez e o Papa, não poem cobro a taes desordens, e lhes não enviam padres portuguezes, passarão sem sacerdotes europeos, contentando-se com os seus, e farão uma communidade separada, não se lhes importando mais saber da Curia romana. Isto importa a perda de todas aquellas christandades, onde o catholicismo dentro em poucos annos terá completamente degenerado.

Se esta ameaçadora resolução não tem já tido logar nos bispados de Pekim e Nankim, deve-se talvez aos conselhos dos Pastores e missionarios portuguezes, que sempre admoestam os christãos ao soffrimento, e a nunca romper em tal excesso.

No emtanto prepara-se este acontecimento desgraçadissimo para a Religião; e talvez ao tempo em que escrevemos já tenha começado em alguma parte a sua realisação.

Estamos certos, que a Côrte de Roma não hade acreditar este prognostico; e bem tarde reconhecerá o mal, de que é a primeira causa. Então lastimará sem remedio o indesculpavel erro de só acreditar as falsas e interessadas informações dos seus Vigarios Apostolicos, e cerrar os ouvidos a quantas representações e informações dignas de attenção lhe tem sido dirigidas sobre estes assumptos.

Se o procedimento individual dos missionarios francezes tanto offende e aliena os christãos da China, não menos deploraveis resultados atrahe da parte do governo chinez, que vendo-os tão audaciosamente devassar o seu territorio, e ostentar exteriormente o seu ministerio, recahe na antiga suspeita de serem os missionarios agentes politicos — suspeita, em que na verdade mais se deve confirmar o mesmo governo, observando a intelligencia, em que se acham com a legação franceza na China, á qual recorrem sem cessar em todos os embaraços, em que os lança a sua propria imprudencia. E a legação, fatigando continuamente o governo chinez com questões dos missionarios, o tem levado cada vez a maiores prevenções contra o christianismo, que se acha por isso ameaçado de uma nova perseguição geral.

São estas as consequencias do erradissimo systema, que envolve a diplomacia nos assumptos religiosos, o qual começou na embaixada de *Mr. Lagrené*, e continuou exageradamente durante a residencia de *Mr. de Forth Rouen* na China; talvez só para dar á legação a importancia, que não tinha por outro modo — systema este que ainda hoje não foi abandonado, porque o governo francez está pouco esclarecido neste ponto.

Cumprirá dizer aqui, para melhor comprehensão destas cousas, que como o povo e governo chinez não ha talvez outro na terra tão tolerante em materias de religião, ás quaes em geral os chinas são muito indifferentes. Mas todo o ciume do governo é, que debaixo do pretexto religioso haja projectos politicos e de perturbações no imperio; e as grandes perseguições sempre tem derivado deste principio, quasi sempre justificado pelas imprudencias dos missionarios, ou pela errada ingerencia dos agentes e representantes politicos das nações europeas em materias de religião, como succede agora com os de França.

Em resultado de tudo, que vae dito, pode-se infelizmente assegurar, que a Religião Catholica corre actualmente grande perigo na China, por causa dos missionarios francezes, e da Congregação da Propaganda. A S. Santidade cabe uma tremenda responsabilidade, e terá de responder perante Deus, por todo o mal que teria evitado, se quizesse entrar no verdadeiro conhecimento do estado das christandades na Asia, e fizesse caminhar pelas vias regulares e honestas a Congregação da Propaganda Fide, que tanto se afasta dos deveres do seu instituto; porque se deixa guiar por interesses mundanos, e más paixões, e trata com incrivel leviandade e desleixo os mais consequentes negocios da Egreja. E' por isto que muitos por aqui lhe chamam a ==*congregação de destruenda fide*==.

Se o comportamento dos missionarios francezes, e dos seus immediatos, os italianos, é tão improprio entre os chinas, torna-se altamente reprehensivel e vergonhoso, pelos embustes, que escrevem para a Europa, e que são publicados nos celebres *Annaes da Propagação da Fé.*

Taes *Annaes* são, geralmente fallando, em relação ás correspondencias francezas, um tecido de fabulas inventadas para explorar a caridade dos ficis, excitando-os, por descripções falsas ou exageradas de pretendidos progressos, a continuar prodigalisando a bemdita esmola, para os manter em longiquos paizes, muitas vezes na ociosidade, e outras na

abundancia e nos regalos. E' custoso dizel-o; mas a verdade o exige. Os *Annaes* serão em poucos annos julgados, pelo menos naquella parte, como um vergonhoso monumento de descredito e irrisão para o christianismo, quando fôr mais patente e reconhecido o abuso, que se está fazendo da credulidade dos catholicos europeus. Esses escriptos hão de prejudicar mais á Religião, que todas as declamações e ataques dos seus inimigos modernos.

Os *Annaes* tão lidos e espalhados na Europa não merecem na Asia attenção alguma, nem a Associação os envia muito para cá; nem poderá jamais recrutar contribuintes por estes paizes, onde causa indignação ver a impudencia, com que se illudem os fieis. Quem viesse excitado pela piedade, ou pela exaltação religiosa aos paizes d'Azia, para examinar os progressos e maravilhas da conversão dos infieis, os hospitaes fundados, os collegios, as instituições proficuas, que tão pomposamente se descrevem nos citados *Annaes*, colheria o tristissimo desengano, de que taes cousas não existem, pela maior parte, senão na cabeça de quem as escreve, ou que são immensamente exageradas, para fins tão mundanos e reprehensiveis, como de encher os cofres da Associação da Fé, com tão pouco proveito do christianismo.

Quem ler os *Annaes da Propagação da Fé* observará, que raras são as cartas dos missionarios, que não fallem em dinheiro, excitando, por todos os meios mais ou menos engenhosos, as subscripções para a Associação, parecendo ser tal uniformidade o effeito de uma instrucção geral, e muito recommendada, a qual na verdade tem produzido, e irá dando optimos resultados, em quanto na Europa durar a illusão dos contribuintes. Dos *Annaes* chamados *da Santa Infancia* tambem com exactidão dizemos o mesmo. A Associação assim denominada, hoje unida e de accôrdo com a da Propagação da Fé, e recolhendo esmolas pelo mesmo methodo entre as creanças, diz ter por objecto o baptismo e educação destas nos paizes infieis. Mas practicam-se neste assumpto os mesmos abuzos, e uzam-se os mesmos artificios. Por exemplo:

nos *Annaes da Propagação da Fé* de Janeiro de 1850 se diz, que em Macao ha escolas para cento e trinta meninos expostos (chinas); e tal cousa não existe, nem tem existido. Alguns missionarios na China fornecem para os *Annaes da Santa Infancia* relações de meninos baptizados, com a designação de infieis, onde vão incluidos todos os filhos dos christãos indigenas, aos quaes elles, por subtileza theologica, contam no numero dos infieis, porque assim os reputam antes do baptismo. Neste forçado sentido nos paizes christãos todos os dias se baptisam milhares de infieis. Mesmo no baptismo dos verdadeiros meninos pagãos, isto é, daquelles cujos paes o são, se dão contas falsas, com consciencia disso, ou alguma vez sem ella. De ordinario estes baptismos são incumbidos aos christãos indigenas, que vão aos logares remotos baptizar as creanças em perigo de vida, ou aquellas que os paes querem vender, o que com facilidade fazem quando ellas estão para morrer. A estes homens dão os missionarios algum dinheiro; e sabe-se que é quasi sempre despendido em dissipações; que os taes enviados não chegam as mais das vezes aos logares do seu destino, e voltam depois declarando, que baptizaram tantas e tantas creanças; e lá vão os algarismos para os *Annaes da Santa Infancia.*

Nada ha mais improprio e reprehensivel que taes argucias e embustes uzados pelos missionarios de uma religião toda de pureza e de verdade.

Nesta parte os missionarios protestantes não ficam atraz dos catholicos francezes, e até os excedem mesmo nas falsas informações, que dão, dos resultados dos seus trabalhos, que, pelo menos na China, são inteiramente estereis A maxima parte delles vivem sumptuosamente com suas mulheres e filhos, á custa da credulidade dos seus correligionarios mais fascinados, que lhes subministram avultados capitaes para um proselitismo imaginario.

E' necessario fazer saber estas verdades ao nosso bom povo de Portugal, do qual se tem tirado, e está aindo tirando uma forte contribuição, superior em alguns annos a

8 contos de rs, colhida á custa dos sinceros e piedosos alistados na Associação da Propagação da Fé, que julgam concorrer para uma obra meritoria e proficua. Faça-se pois conhecer, que essas esmolas seriam muito melhor applicadas para o estabelecimento e manutenção de um bom seminario em Portugal, onde se educassem expressamente os mancebos destinados ás missões. Delle ha um principio, ainda que muito informe e mal montado, no seminario do Bombarral, o qual porém ajudado de tal recurso poderia satisfazer ao importante fim da sua instituição, dando lhe o nosso governo a devida attenção e auxilio. Se o governo avaliasse a importancia, que ainda hoje poderiam ter as nossas missões na China, e em toda a Azia, olharia com seriedade e interesse para estes assumptos. Mas mal se pode esperar, que saiba aproveitar o affecto e ligações, que ainda patenteam á Corôa portugueza milhões de christãos, apesar de tão esquecidos por ella.

Em todo o caso porem as esmolas dos fieis de Portugal para a obra da Propagação da Fé devem ter outro destino; porque o actual é um ludibrio para a nossa nação. A Associação da Fé tem-se constantemente negado a contemplar os nossos missionarios e as nossas Egrejas d'Azia, na distribuição dos seus fundos, para cujo monte nós concorremos; e a esta revoltante exclusão, juntam ás vezes o insulto e o escarneo, dizendo a alguns dos nossos sacerdotes, como succedeu em Singapore = vós viveis na miseria e no abandono da vossa nação; nós vos aggredimos, e temos os meios de ir diminuindo o vosso rebanho, habilitados pelo dinheiro, que nos dá a Associação, que vae colhel-o tambem ao vosso paiz =. Isto é intoleravel e deve por uma vez cessar. Mas se o nosso governo não souber, ou não poder remediar as cousas do Padroado, então a melhor applicação, que os fieis podem dar ás suas esmolas, quando queiram empregal-as nesta obra, por certo a mais meritoria quando seja dirigida pelo verdadeiro espirito evangelico, é — dizemos — a favor das missões hespanholas, que vão caminhan-

do com regularidade e solidez sem estrondo, nem aparato, sem annaes nem cartas fabulosas.

Na Hespanha ha varios seminarios para a educação dos missionarios, e na colonia de Filipinas existem todos os antigos conventos, que são outros tantos viveiros para as missões. E' um facto que são os sacerdotes hespanhoes os unicos, que não tem promovido, e não promovem perturbações nos territorios das missões portuguezas, reconhecendo e buscando sempre a jurisdicção de nossos Prelados, quando nelles trabalham, como succede ha muitos annos em Láfu, diocese de Macao. E' possivel pela estranheza e inesperado destas revelações, que se lhes não preste em Portugal inteiro credito, principalmente entre aquelles, cuja nimia boa fé se acha fascinada pelas excellencias apparentes dos resultados da Associação da Fé. Especialmente para estes, e em geral para todos os leitores destas linhas, addicionaremos, como testemunho insuspeito, uma collecção de passagens extrahidas fielmente de um notavel impresso, dado á luz em Poissy (França) em 1848, e que tem por titulo = *Esboço do estado das missões na China apresentado ao SS. Padre Pio 9.º, pelo missionario Gabet* =.

Este missionario mostra ser homem esclarecido, e de sincera piedade e boa fé. Foi a Roma afim de obter algumas providencias contra os males que refere; porem nada conseguio; e tudo continuou no mesmo estado. As suas verdades muito desagradaram; e o seu opusculo, apenas espalhado entre poucos missionarios, produzio entre elles grande agitação, e grave desgosto. O proprio Bispo actual de Samos, Vigario Apostolico do Japão soffreu entre elles graves accusações, porque declarou ser verdade o que se diz no opusculo, em uma carta dirigida ao auctor, e que este estampou na frente da sua obra; o que foi por alguns considerado como indiscripção do auctor, mas é na verdade uma valiosa e irrecusavel confirmação dos factos, que alli se referem.

Damos em seguida alguns extractos deste importante

escripto, que sentimos não poder aqui transcrever na sua integra, para se ver claramente, á luz da sinceridade e da boa fé, este quadro hediondo de embustes e de hypocresias.

EXTRACTOS

DO OPUSCULO DE Mr. GABET SOBRE MISSÕES.

A maior parte das perseguições vem das contestações, que tem logar entre os missionarios.

Queixam-se continuamente os missionarios da sua pobreza, como do unico obstaculo, que impede os seus progressos. Ao ouvil-os parece sempre, que estão na vespera de converter todo o territorio de sua missão, com tanto que se lhes augmente o subsidio annual com alguns mil francos. A Associação da Propagação da Fé accede a estes desejos, e são remettidas as sommas. No anno seguinte os mesmos queixumes, as mesmas exigencias da sua parte. Assim passam toda a vida a solicitar soccorros, e o momento de principiar a conversão dos fieis nunca chega.

Os neophitos costumam-se pouco a pouco a ver no missionario um mercenario ricamente assalariado.

Tanto dinheiro, que recebem com frequencia, faz insensivelmente nascer suspeitas e desconfianças. Perguntam os christãos chinezes entre si — que interesse podem ter os povos estrangeiros em conservar com tão grande despeza um propagador da sua doutrina em paizes tão remotos?

Os sentimentos de generosidade e de desinteresse ex-

tinguem-se nos indigenas, que ajudam o missionario a tratar dos negocios da missão; e attribuindo suas funcções a uma especulação financeira, negam-se a fazer sem salario cousas, para as quaes o missionario é tão abundantemente remunerado.

A Egreja, em vez de se nacionalisar entre os indigenas, fica pelo contrario no meio delles, como uma planta exotica, alimentada com o dinheiro estrangeiro e só delle dependente.

Todos os missionarios se queixam, que, em logar de receber alguns soccorros dos indigenas, são considerados por estes como ovelhas, a quem todos se julgam com direito de arrancar a lã.

Nosso Senhor prometteu aos prégadores do Evangelho, que nada lhes faltaria; os fieis suscitados pela Providencia se impoem colectas para ajudar a sua sustentação; para que pois tantos e tão importunos pedidos de dinheiro, que incommodam e escandalizam os seculares! Quanto mais edificante seria ver os missionarios confiarem mais nestas palavras do Divino Mestre: = Buscae primeiro o Reino de Deus e a sua justiça; e tudo o mais vos será provido; porque Vosso Pae Celeste sabe quaes são as vossas precisões. » (*Capitulo* 1.°)

« Quando tem logar questões de jurisdicção os missionarios parecem inteiramente outros; o zelo, as virtudes e os talentos, com que tinham entrado na missão só lhes servem para se aggredir, e suplantar uns aos outros; a espionagem as accusações maliciosas, as interpretações calumniosas tudo se põe em pratica para triumfar de um adversario; o cuidado da missão a conversão dos povos e todos os outros deveres perdem-se totalmente de vista; não se cuida mais que do ataque e da defeza.

Os christãos tomam partidos, e dividem-se em facções encarniçadas, chegando ás vezes a derramar-se sangue, e a ser necessaria a intervenção dos infieis, para acommodar taes desordens.

Por estas circunstancias o christianismo é olhado como uma seita de sediciosos e inquietos.

Destas contestações resulta a diminuição da fé entre os neophitos. O caracter de apostolos, attribuido antes aos missionarios, desaparece, ficando olhados como homens ambiciosos, sem zelo pelo verdadeiro bem, e muitas vezes sem lealdade na sua conducta.

Se em consequencia destas disputas um missionario é suplantado pelo seu competidor, os christãos conservam-se affectos ao seu antigo pastor, com o qual a religião está, por assim dizer, identificada a seus olhos, e recuzam receber o novo. Daqui nascem schismas deploraveis; os infermos morrem sem sacramentos, e os meninos não são baptisados. Tal é o espectaculo, que por vezes tem apresentado, e ainda hoje apresentam grandes christandades da Azia.» (*Capitulo* 3.º) (1)

«Quanto ás contestações, que hão tido logar na China, convem notar duas couzas. A primeira é que uma unica vez tiveram por objecto questões dogmaticas, por occasião da celebre disputa sobre os ritos e ceremonias chinezas; a origem de todas as outras tem sido pretenções oppostas entre missões visinhas relativamente á jurisdicção sobre certos territorios. A segunda observação a fazer é, que se não encontra um sò china, que tenha sido o auctor destas perturbações; são sempre os missionarios europeus, que suscitam estas dificuldades, e a ellas arrastam os chinas.

Quando um missionarios forma o designio de se introduzir em missão alheia, fazendo retirar della os antigos operarios, não lhe faltam pretextos mais ou menos especiosos, para encobrir seus projectos. Allega, por exemplo, que a missão confiada ao seu cuidado não contem sufficientes christãos; que não pode residir commodamente no territorio della; que parte deste se acha encravado em outras missões, como se as missões estrangeiras fossem para achar christandades, numero-

(1) E' exactamente o que está acontecendo nas missões de Pekim depois da retirada forçada, para evitar taes contestações, do eximio Bispo Eleito de Pekim, cuja falta os christãos deploram, como a de um pae zeloso e amado. *N. do T.*

sãs e florescentes, e não para augmentar os adoradores do verdadeiro Deus; para achar residencias commodas, e não para passar os dias sem ter onde reclinar a cabeça, á exemplo do Divino Mestre.

Pobres povos! . . E' atravez de tantos perigos, e com tanta difficuldade, que um raio da verdadeira luz chega aos vossos desertos; vós conservaes cuidadosamente essa luminosa faisca de vida e de esperança, que a religião vos offerece, no meio de vexações de todo o genero, de anciedade, de terrores e de continuo martirio! Para que pois continuareis a ser acomettidos destas tempestades sempre renascentes? Quando cessarão para vós as mudanças, as perturbações e os conflictos de jurisdicção? Quando chegará em fim o tempo, em que a fé possa ser-vos annunciada sem embaraços, e sem confusão! » (*Capitulo 4.°*)

O Capitulo 5.° trata da maneira como é tratado o clero indigena pelos actuaes missionarios, que o despresam e não lhe dão consideração; e das más consequencias que daqui rezultam.

O Capitulo 6.° é dedicado a considerações sobre a necessidade para os missionarios de um profundo estudo da lingua chineza, e das funestas consequencias para a religião da ignorancia da mesma lingua.

O Capitulo 7.° contem reflexões de menos interesse, sobre a preferencia das differentes congregações, que hoje dão missionarios para a China.

« Se alguns missionarios, possuidos de uma inexplicavel inquietação, desviam seus olhos e attenção do logar onde o Pae de familia os collocou, para os pôr com inveja naquelle, em que trabalham os seus vizinhos, e poem por obra mil meios, para os suplantar, taes missionarios tornam-se, sem o saber, os mais poderosos cooperadores dos designios do homem inimigo, contra o campo do Pae de familia. Não somente o terreno, que lhes fora confiado, ficará esteril; mas ainda farão frequentemente desapparecer o fructo do trabalho, e a fertilidade do campo do seu vizinho A confusão, o schisma,

e a discordia serão ordinariamente os unicos fructos d'aquelles campos. Semelhantes missionarios tomam sobre si uma responsabilidade immensa, porque parece que a elles são dirigidas estas palavras : = Vós fechaes o Reino dos Ceos aos homens, porque nem entraes, nem aos que iam entrando permetis que entrem = *Clauditis regnum caelorum ante homines vós enim non intratis, nec introeuntes sinitis intrare.* (*Capitulo* 8.)

O Capitulo 9.º trata de considerações geraes sobre a maneira de estabelecer o christianismo em uma nação.

No Capitulo 10.º depois de considerações muito sensatas sobre o mao methodo de prégar a Religião adoptado por alguns missionarios, lê-se a seguinte passagem : « certas ordens religiosas, muito imbuidas do espirito de corporação substituem-se, por assim dizer, á verdadeira Religião. Os neophitos são instruidos no culto quasi exclusivo das praticas e das fórmulas dessas ordens, e parecem não pertencer mais á grande sociedade christã.

Um tal abuzo na prezença de neophitos, já naturalmente inclinados a identificar a Religião com o padre, tem produzido uma dezordem tal, que é difficil na Europa fazer-se uma idea della. Daqui nasce uma especie de religião restricta, exeluziva, e mais propria a isolar e dividir ainda mais os fieis, que a unil-os em um só rebanho.

Uma multidão de extensos desenvolvimentos, inteiramente acommodados aos costumes, e estado da sociedade na Europa, e por consequencia incomprehensiveis na Azia, confundem as ideas aos neophitos, e lhes fazem perder um tempo consideravel. Alem disso vendo elles este ou aquelle ponto de doutrina ser objecto de tantas disputas, e ser combatido com tanto afinco por uma multidão de sectarios, a sua fè vacilla, e a verdade da Religião não lhes parece já tão clara. Como para os christãos indigenas todas estas controversias se passam ao longe, os catholicos, os schismaticos, os hereges são os mesmos a seus olhos; e a idea de que existem na Europa tantas disputas sobre pontos de doutrina, que se lhes dizem incontestaveis e artigos de fé, prejudica infinitamente á simplicidae da sua crença.

Os desenvolvimentos, com que os theologos moralistas da Europa tem tratado os preceitos do Decalogo, e sobre tudo o sexto, produzem tambem sobre elles as mais funestas impressões. Infecciona-se-lhes a imaginação, e a consciencia se lhes revolta de achar descriptas tão circunstanciadamente semelhantes materias. Muitas vezes julgam achar nisto a discripção dos costumes europeus; ouvem estas explicações com uma curiosidade maligna e ciosa, e acabam por formar uma idea horrivel da moralidade dos christãos da Europa.

Estas miserias e muitas outras, que levaria muito tempo a enumerar, não teriam logar, se se adoptasse uniformemente o cathecismo romano; e somente um professor, missionario experimentado nos uzos e costumes do paiz désse de viva voz sobre cada artigo os desenvolvimentos necessarios. »

Seguem-se varias considerações sobre a educação do clero indigena, que tão despresada é pelos modernos missionarios, afastando-se nisto da pratica dos antigos, e especialmente dos portuguezes, que deram sempre consideração ao dito clero, e promoveram o seu augmento com instituições apropriadas, como a do collegio das missões de S. José de Macáo, onde ainda hoje, apezar da sua grande decadencia, se educam padres chinas, que vão para o interior do imperio dirigir as christandades portuguezas, e aos quaes os missionarios francezes suscitam quando podem embaraços e tribulações.

DA SITUAÇÃO ACTUAL DO BISPO ELEITO DE PEKIM.

(Artigo publicado no Boletim do Governo, de Macao; N.º 7 do corrente anno.)

Macao Sabbado 4 de Janeiro de 1851.

No dia 21 de dezembro, anniversario da sagração de sua Ex.ª Rev.ma o Bispo Diocesano houve na Egreja Cathedral missa pontifical rezada; e nessa occasião receberam ordens cinco ordinandos; dois de prima tonsura e menores; dois de subdiacono, e um de diacono; quatro destes, filhos de Macao, e um chinez destinado ás missões, que esta diocese tem no imperio china.

Por esta occasião diremos tambem, que alem das ordens inferiores conferidas por vezes por S. Ex.ª Rev.ma a varios ordinandos, depois que rege esta diocese as tem dado de presbitero a quatro outros, dois dos quaes chinezes, que havendo concluido sua educação civil e religiosa no collegio de S. José das missões, estabelecido nesta cidade, se dirigio um no mez ultimo de novembro para as referidas missões, e outro nos principios do mesmo mez acompanhou o Ex.mo Bispo Eleito de Pekim para as Ilhas de Timor e Solor.

Este respeitavel varão, o sr. d. João de França Cas-

tro e Moura residio por 17 annos no interior da China, e percorrendo as extensissimas provincias de Nankim, Xan-tum, e Pekim, penetrou na propria capital do imperio, onde ainda encontrou e praticou com o ultimo Bispo de Nankim d. Caetano Pires Pereira, que pouco tempo depois alli falleceu de avançada idade, em novembro de 1838, tendo vivido naquella côrte por muitos annos, não só tido publicamente como europeu, e conhecida a sua qualidade de Ministro da Religião Catholica, mas até graduado mandarim do imperio, e membro do tribunal de mathematicas, como o foram muitos dos antigos missionarios. Com o fallecimento do dito Bispo acabou de todo o collegio das missões portuguezas em Pekim, e tendo já precedido a extincção dos collegios das outras nações, assim terminou inteiramente a publica missão geral europea catholica, que hoje só occulta e difficultosamente continúa, conservando os russos unicamente um instituto religioso admittido e tolerado por tratados.

Aquellas missões, sempre sob a jurisdicção dos Bispos portuguezes, duraram por mais de 200 annos, com varia fortuna, e nellas figuraram elevados talentos, e insignes individuos nas artes e sciencias, especialmente da Companhia de Jesus, desde cuja extincção data a decadencia daquelles estabelecimentos de tanta gloria e utilidade para a Religião e para o Estado, e que tanto credito obtiveram entre os chinas, gozando por vezes os missionarios de grande consideração e influencia na côrte e familia imperial.

Voltando porem ao nosso assumpto, do qual esta digressão nos afastou, diremos, que o dito sr. d. João de França por toda a parte grangeou o affecto e veneração dos christãos chinas confiados ao seu cuidado pastoral, e em tão subido ponto, que depois de sua retirada para Macao aqui enviaram mais de uma vez encarregados e supplicas, para regressar para entre elles, endereçando até nesse sentido representações a S. Santidade, e ao governo de S. Magestade, que pela imprensa já foram publicadas em Portugal.

O que deu motivo a afastar-se daquella christandade o

Ex.mo Bispo Eleito de Pekim foram desgraçadamente as difficuldades suscitadas por questões de jurisdicção pela Congregação da Propaganda Fide, sempre tão injustamente adversa aos direitos do Real Padroado portuguez; difficuldades, que o decidiram a retirar-se, por effeito de virtuosa abnegação, em favor dos interesses geraes da Religião, do que deveriam tomar exemplo os sacerdotes, e dignidades da Egreja Romana, que lhe deram logar a mostrar em tal resolução o só espirito verdadeiramente propagador do christianismo, que o guiava.

Recolhido em Agosto de 1847 ao collegio de S. José das missões em Macao, do qual é filho e ornamento, não lhe consentio seu religioso e patriotico animo ficar ocioso nos trabalhos evangelicos, em quanto se não aplanam as referidas questões, hoje afectas ao governo de S. Magestade; e por isso deste solicitou e obteve licença para exercitar o seu alto ministerio entre os simples e rudes povos das ricas, mas tão esquecidas e despresadas possessões de Timor, onde irá promover e espalhar quanto possa os beneficios da Religião e da civilisação, unico e constante empenho do seu illustrado e piedoso espirito; e talvez assim concorra poderosamente para o futuro melhoramento daquella colonia, tão susceptivel de prosperidade e importancia, pela sua posição geografica, pasmosa fertilidade de seu solo, valiosas producções, e boa indole dos habitantes.

ESTADO DA RELIGIÃO CHRISTÃ NA CHINA.

(*Artigo publicado no Boletim do Governo de Macao — N.° 19 do corrente anno.*)

Macao, Sabbado, 29 de Março de 1851.

No N.° 16 do *Boletim* démos noticia da existencia de uma obra publicada pelo distincto estadista chinez *Ki-ing*, aquelle que com *Mu-chang-a* incorreu na desgraça do imperador, a qual obra elle intitulou «*Ensaios*», e onde, analisando as doutrinas do christianismo, conclue que: «*tendo examinado a religião practicada pelos homens do occidente* (os europeos), *a acha toda verdadeiramente boa*»,

Ki-ing teve longo trato com o sr. d. Verissimo Monteiro da Serra, Bispo Eleito que foi de Pekim, durante os 23 annos, que este esteve empregado no observatorio imperial de Pekim, como membro do tribunal das mathematicas, e lhe dedicou particular estima.

E' muito natural que o sr. d. Verissimo aproveitasse todas as occasiões para explicar os pontos mais essenciaes da nossa religião, indicando-lhe os muitos e optimos livros sobre esta materia escriptos em chinez pelos antigos missionarios catholicos, afim de que algum dia podesse *Ki-ing*, co-

mo membro da familia imperial, esclarecer o seu governo sobre o espirito civilisador e sublime do christianismo.

De facto assim succedeu quando este alto funccionario apresentou o seu memorial ao throno, pedindo a tolerancia da Religião Christã na China; e ultimamente levou mais longe o fructo daquellas explicações, publicando os ditos «*Ensaios*» dos quaes um nosso benigno amigo, promette dar alguns extractos para o *Boletim*, logo que obtenha a dita obra.

Quando *Ki-ing* esteve em Macao para arranjar os tratados com os francezes perguntou com todo o interesse, pelo seu antigo amigo, o sr. Serra, a esse tempo já retirado para Portugal, onde ainda hoje este veneravel ancião do fundo do seu retiro do Bombarral, ou do Bom-successo, na lagoa d'Obidos, lhe será bem grato saber, que os effeitos da sua palavra vão fructificando com o tempo nestes remotos paizes, e de um modo tão novo na China, como o de serem apresentadas ao publico taes ideas pela imprensa por um homem esclarecido, na occasião em que occupava os mais altos cargos do estado.

Se para o sr. d. Verissimo em particular deve isto ser assaz lisongeiro, não o é menos para a nação portugueza, sob cujo Padroado, e direcção dos seus Pastores, tanto prosperaram n'outro tempo as missões da China, chegando a grangear a tal ponto o affecto dos christãos chinezes no Real Padroado, que hoje maravilha a dedicação, que ainda manifestam á Corôa portugueza, apesar das desgraçadas causas, que tem havido proprias e extranhas, para o anniquilamento de taes ligações.

Já que por incidente tocámos este assumpto, observaremos aqui, que as missões modernas na China ajudadas por grandes recursos pecuniarios, e protegidas de todo o modo pelos altos poderes da Egreja, por vastas e influentes associações, e pela diplomacia de uma grande nação europea estão, apesar de todas estas vantagens, bem longe de apresentar os resultados, que obtiveram as antigas missões confiadas aos portuguezes.

E' uma triste verdade, que a Religião Christã, em vez de progredir na China pelos esforços de tantos missionarios estrangeiros, vae em diminuição e decadencia entre o povo, e que por outra parte se acha ameaçada de grandes calamidades derivadas de diversas e complicadas causas.

FIM.